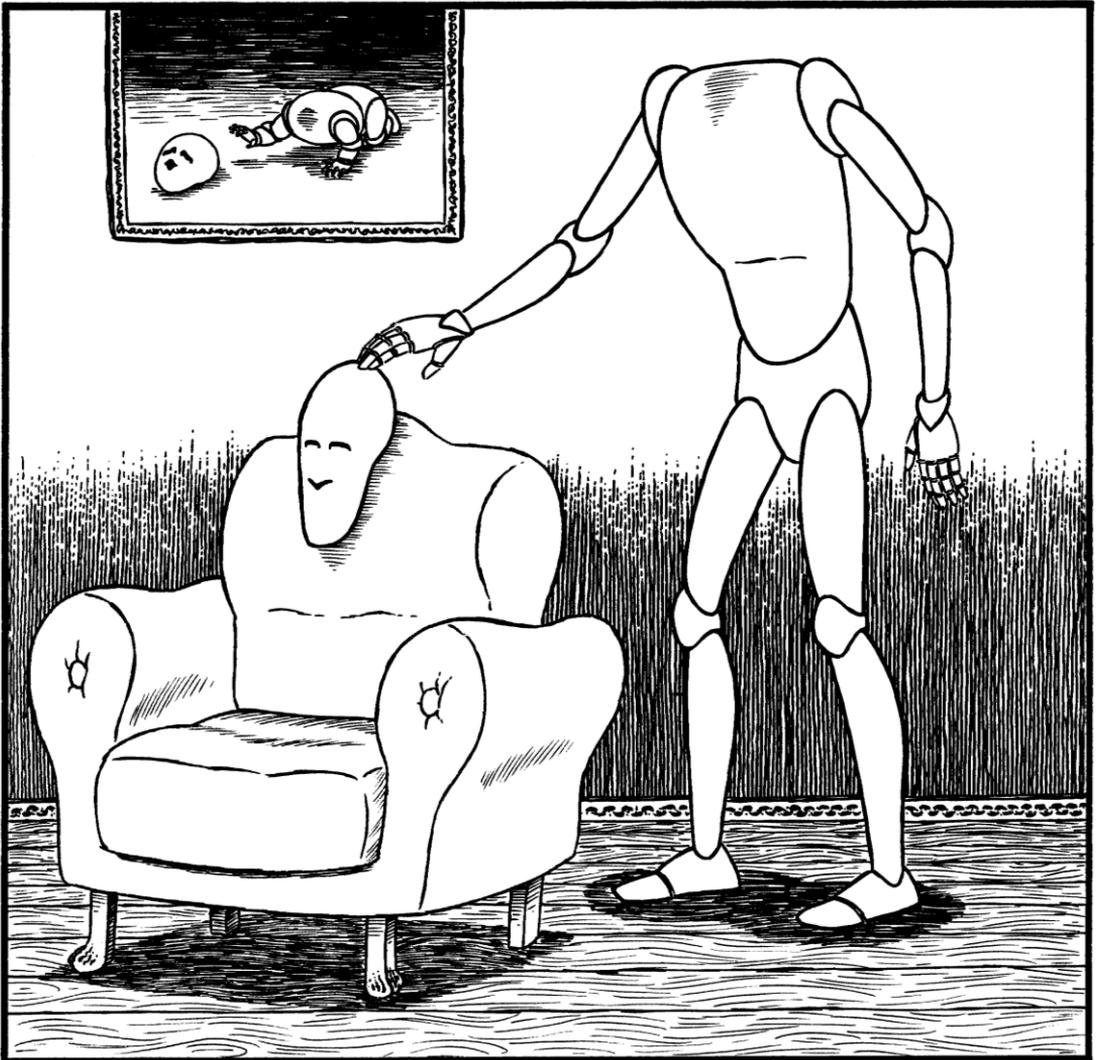


103



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 16

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Péssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

Virgil Finlay's Women of the Ages – ilustrações (MB) – R\$ 30,00 * **Discutindo Literatura Especial Quadrinhos** (Escala) (MB) – R\$ 8,00 * **Francisco Xavier** (Loyola) (B) – R\$ 10,00 * **Glória Glória Aleluia!** (R) – R\$ 5,00 * **Mad** (Vecchi) (R) 61 – R\$ 5,00 * **Asterix – O Escudo Arverno** (Cedibra) (P) – R\$ 7,00 * **Asterix – Entre os Bretões** (Cedibra) (P) – R\$ 7,00 * **Asterix – Na Córsega** (Cedibra) (P) – R\$ 7,00 * **Asterix – A Cizânia** (Cedibra) (P) – R\$ 7,00 * **Asterix – A Grande Travessia** (Cedibra) (P) – R\$ 7,00 * **Asterix – A Foice de Ouro** (Cedibra) (P) – R\$ 7,00 * **Asterix – E os Godos** (Cedibra) (P) – R\$ 7,00 * **Humor de Placa – Dorinho** (B) – R\$ 10,00 * **J. Carlos 100 Anos** (Funarte) (R) – R\$ 20,00 * **O Que Vier Eu Traço – Cláudio** (R) – R\$ 15,00 * **Revista de Cultura Vozes** (Vozes) (R) 9 (1973) – R\$ 10,00 * **Cadernos de Jornalismo e Comunicação** (Jornal do Brasil) (R) 35 (artigo sobre Ferdinando) – R\$ 10,00 * **Clássicos Disney – A Volta de Mogli** (Nova Cultural/1986) (R) – R\$ 10,00 * **Clássicos Disney – A Dama e o Vagabundo** (Nova Cultural/1986) (R) – R\$ 10,00 * **Clássicos Disney – O Piquenique de Mickey** (Nova Cultural/1986) (R) – R\$ 10,00 * **Clássicos Disney – Os Três Porquinhos** (Nova Cultural/1986) (R) – R\$ 10,00 * **Clássicos Disney – O Patinho Feio** (Nova Cultural/1986) (R) – R\$ 10,00 * **Clássicos Disney – Cinderela** (Nova Cultural/1986) (R) – R\$ 10,00 * **Clássicos Disney – Robin Hood** (Nova Cultural/1986) (R) – R\$ 10,00 * **Clássicos Disney – Aladim e a Lâmpada Maravilhosa** (Nova Cultural/1986) (R) – R\$ 10,00 * **Clássicos Disney – O Patinho Feio** (Abril Jovem) (R) – R\$ 5,00 * **Clássicos Disney – Aristogatas** (Abril Jovem) (R) – R\$ 5,00 * **Clássicos Disney – Alice no País das Maravilhas** (Abril Jovem) (R) – R\$ 5,00 * **Clássicos Disney – A Bela Adormecida** (Abril Jovem) (R) – R\$ 5,00 * **Clássicos Disney – Pinóquio** (Abril Jovem) (R) – R\$ 5,00 * **Clássicos Disney – Cinderela** (Abril Jovem) (R) – R\$ 5,00 * **Coleção Jaguar** (Portugal Press) (B) 7 – R\$ 15,00 * **Coleção Pantera Negra** (Portugal Press) (B) 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10 – R\$ 10,00 cada * **Coleção Galo** (Portugal Press) (B) 5, 6 – R\$ 10,00 cada * **Coleção Herói** (Portugal Press/formato maior) (B) 2, 3 – R\$ 10,00 cada * **Coleção Lince** (Portugal Press) (B) 7, 8 – R\$ 10,00 cada * **Coleção Modernos da BD** (Portugal Press) (B) 2, 6 – R\$ 10,00 cada * **Mundo de Aventuras** (2ª série) (B) 223, 227, 237 – R\$ 10,00 cada * **Mistérios Sexuais** vol. 2 (Portugal Press) (B) – R\$ 10,00 * **Lá Vem a Mafalda de Novo** (Dom Quixote) (B) – R\$ 10,00 * **Coleção 16x22 – Snoopy e os Gatos** (Meribérica/Liber) (R) – R\$ 10,00 * **Os Peles-Vermelhas – A Honra do Guerreiro** (Verbo) (B) – R\$ 20,00.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 103 MAIO/JUNHO DE 2010

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Fone: (035) 3641-1372 (sábado e domingo).
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

PREÇO DA ASSINATURA 2010: R\$ 20,00

Assinatura anual correspondente aos nºs 101 a 106
Pagamento através de cheque nominal, selos, dinheiro
ou depósito para Edgard José de Faria Guimarães:

Caixa Econômica Federal – agência 1388
operação 001 – conta corrente 5836-1

Envie cópia do recibo de depósito para controle.

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).

ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

EDITORIAL

Creio que minhas expectativas em relação à nova fase do “QI” estão se cumprindo. A previsível diminuição da seção de divulgação de edições independentes é um fato, embora ainda traga quase meia centena de títulos só de quadrinhos.

Para compensar essa diminuição, que se deu também no visual com a ausência das reproduções das capas, procurei aumentar a densidade de informações com maior número e maior variedade de artigos. As colunas ‘Mantendo Contato’ de Worney e ‘Memória do Fanzine Brasileiro’ estão sendo muito bem recebidas pelos leitores.

Quanto às colaborações na forma de HQs, também os autores têm prestigiado o “QI”. Este número conta com a participação de Me Morte e Rafael Pereira, Leonardo Santana, Daniel Barraco, Anjos e Aline Leal, Beto Menezes.

O número de páginas está no limite possível, e está sendo suficiente para colocar na edição todo o material recebido e disponível.

Boa leitura!



A LINGUAGEM DE TARZAN

Edgard Guimarães

Carta enviada ao editor da revista “Língua Portuguesa”

Li seu artigo no nº 46 sobre os idiomas inventados e achei bastante interessante. Mas achei curioso o comentário que você fez sobre o idioma tosco inventado por Edgar Rice Burroughs em Tarzan ser a visão que o autor fazia dos africanos. Mesmo sendo comum o uso de um coadjuvante africano ou asiático em posição de inferioridade em muitas obras da literatura popular, cinema e histórias em quadrinhos americanos, não vejo isso no Tarzan de Burroughs.

Ao contrário, acho a criação dessa linguagem tosca uma visão impressionante de Burroughs, algo que ele imaginou em 1912, quando o romance foi publicado pela primeira vez em revista, época em que o conhecimento sobre linguagem e evolução da humanidade era precário.

O “macaco” que Burroughs criou em Tarzan, ao contrário do que muitos pensam, não é um gorila africano, mas sim uma nova raça de antropoide mais evoluída e já com uma grande capacidade de se expressar por sons, ou melhor, já possuindo uma linguagem falada. No Brasil ficou conhecida a expressão “Tarzan dos Macacos”, mas o título do primeiro romance, “Tarzan of the Apes”, diz bem o que Burroughs pretendia. Ape é Antropoide, enquanto Macaco é Monkey. Certo que um livro no Brasil com o título “Tarzan dos Antropoides” talvez não fizesse o mesmo sucesso.

Mas continua admirável esta intuição de Burroughs lá nos anos 1910. A raça dos “grandes macacos”, como foi chamada em português, possui uma língua falada com vasto vocabulário e uma estrutura, simples, de construção de frase com sujeito e predicado. As pesquisas recentes, a partir da década de 1960, mostraram que os antropoides atuais, gorilas e chimpanzés, não têm capacidade de aprender uma língua falada, no entanto quando tentaram lhes ensinar a linguagem de sinais dos surdos-mudos, aprenderam com facilidade. Há capacidade cerebral para o desenvolvimento de uma linguagem, mas não falada. Essa capacidade da fala parece específica do homo sapiens moderno. Há dúvidas ainda se o parente mais próximo do ser humano, o homem de neandertal, era capaz de falar. Então, não há muita possibilidade de uma raça de grandes macacos com linguagem falada, mas não dava para saber isso lá no 1912. Continua sendo uma grande ideia de Burroughs.

E essa ideia tem outros desenvolvimentos em relação à linguagem nesse primeiro romance de Burroughs. O personagem Tarzan, criado pelos grandes macacos, aprende a estrutura da língua falada. Depois, já uma criança maior, acha a cabana onde seus pais foram mortos e encontra, entre vários livros, uma cartilha ilustrada. Assim, sozinho, passa seus dias na cabana, tentando desvendar o significado daqueles símbolos e aprende a escrever em inglês. Não sabe o som das palavras, mas sabe como representá-las graficamente. Embora, entre os seres humanos, a linguagem falada se aprenda naturalmente, apenas pelo contato com outros falantes, o mesmo não ocorre com a linguagem escrita. Uma pessoa não aprende a ler e escrever simplesmente por estar em contato com textos escritos. A escrita precisa de ensino formal. O aprendizado solitário de Tarzan, portanto, não tem correspondência na realidade, mas continua outra grande ideia de Burroughs.



Desenhos de Russ Manning em “Tarzan” (Ebal/3ª série) nº 31.

ENCICLOPÉDIAS SOBRE HQS

Edgard Guimarães

Artigo publicado no sítio Zona Franca de Jesus Nabor Ferreira

A editora Panini espanhola está lançando uma coleção de livros sobre as Histórias em Quadrinhos chamada “Del Tebeo al Manga: Una Historia de los Cómics”, prevista para 12 volumes. Os dois primeiros volumes são compostos de 4 partes.

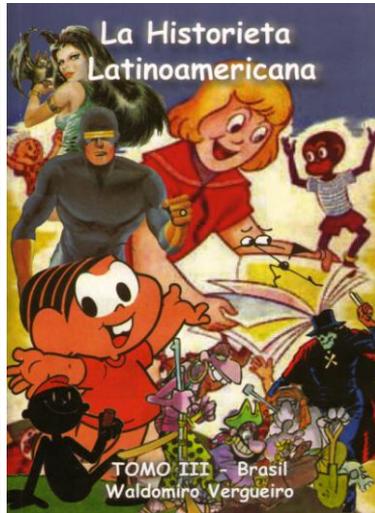
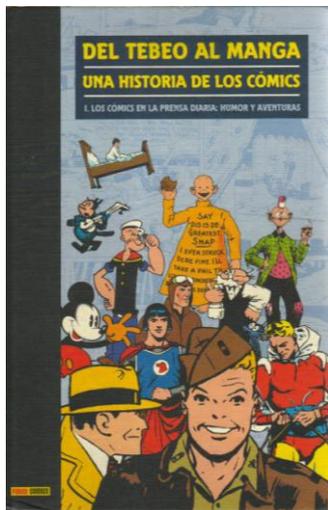
A primeira parte enfoca o surgimento das HQs, com informações sobre o que chama “predecessores”, e depois aprofundando nos quadrinhos da imprensa norte-americana. A segunda e a terceira partes tratam exclusivamente da produção norte-americana para jornais, mencionando praticamente todas as séries clássicas até a década de 1990. A quarta parte é dedicada às tiras em outros países, falando um pouco mais a fundo da produção inglesa e superficialmente de todos os demais países. Do Brasil, há menção de Maurício e Cedraz.

A coleção é magnificamente ilustrada, embora muitas ilustrações estejam muito reduzidas. A editora optou pelo formato “comic book” em vez do magazine, que teria sido preferível. Quem viu algum exemplar da coleção espanhola em 48 fascículos “Historia de los Comics”, da década de 1980, perceberá a diferença. Ainda comparando com “Historia de los Comics”, a nova coleção da Panini não traz amostras de HQs. Mas usa o mesmo recurso de colocar quadros com biografias dos autores mais expressivos. E o conteúdo de informação das três primeiras partes é bastante significativo.

Não sei o conteúdo dos volumes seguintes, mas é pouco provável que dê a devida atenção aos quadrinhos produzidos fora dos Estados Unidos e Europa. Deve abrir uma exceção para os quadrinhos japoneses, já que usaram o termo “mangá” no título da coleção. Para saber sobre quadrinhos de outra procedência, especialmente da América Latina, a fonte é outra.

A editora argentina La Bañadera del Comic está lançando a coleção “La Historieta Latinoamericana”, já com quatro volumes lançados. O primeiro volume enfoca Cuba, Chile e Uruguay; o segundo, Bolívia, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Venezuela; o terceiro é sobre o Brasil, escrito por Waldomiro Vergueiro; e o quarto sobre o México. Uma coleção mais modesta, volumes mais finos com impressão em preto e branco e sem capa dura, porém rico em conteúdo, com informações que não serão encontradas em nenhuma outra obra de referência.

No Brasil, uma obra sobre os Quadrinhos Brasileiros ainda está por ser feita. Em três ocasiões, esta obra ameaçou tornar-se realidade. O editor gaúcho de fanzines Anibal Cassal pretendia realizar um volume com esta história, mas aposentou-se de toda atividade ligada aos quadrinhos e fanzines. A editora Opera Graphica também acalentou este sonho, com uma coleção de mais de uma dezena de livros, cada um dedicado a um período das publicações feitas no Brasil, incluindo um volume sobre fanzines que ficaria sob meus cuidados. Parte do material que coletei para este livro (que não escrevi) está saindo na coluna ‘Memória do Fanzine Brasileiro’. E o editor Octacílio Barros há anos busca patrocínio para seu projeto de uma grande enciclopédia sobre a história dos quadrinhos no Brasil. Um trabalho de tal vulto necessitaria de dedicação em tempo integral e alguém teria que bancar financeiramente isto. As editoras não fazem este tipo de investimento, portanto uma solução seria uma bolsa de algum órgão de fomento à pesquisa. Ota também tentou isso, sem sucesso, pelo que eu sei.



Capas de “Del Tebeo al Manga” volume I, “Historia de los Comics” n° 1 e “La Historieta Latinoamericana” tomo III.

ALVO

TEXTO: ME MORTE
DESENHOS: RAFAEL PEREIRA

EU
ANDAVA
PELA RUA,
RUMO AO
COLÉGIO.



SEIS HORAS DA
TARDE. UM MENDIGO
SENTADO NA
CALÇADA...



...RASGADO, SUJO,
OLHOS VERMELHOS E
BARBA BRANCA, ...

PARECIA TER UNS 70
ANOS DE IDADE.
COITADO! VIDA DURA.



PODERIA
SER MEU
PAI. QUE
EU PODIA
FAZER?



UMA ADOLESCENTE QUE
NÃO TINHA ONDE CAIR
MORTA...

DEI MEU
MELHOR
SORRISO
E SEGUI
MEU
CAMINHO.



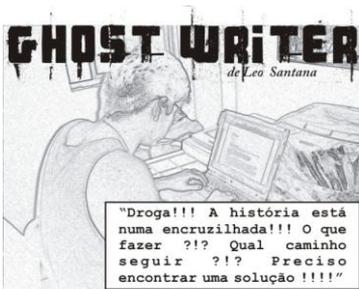
BOA
NOITE...



ACORDEI COM UM
ENFERMEIRO AO
LADO...

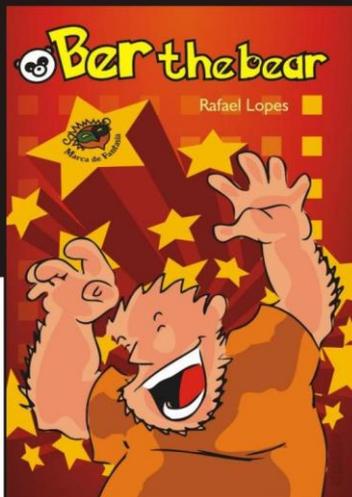
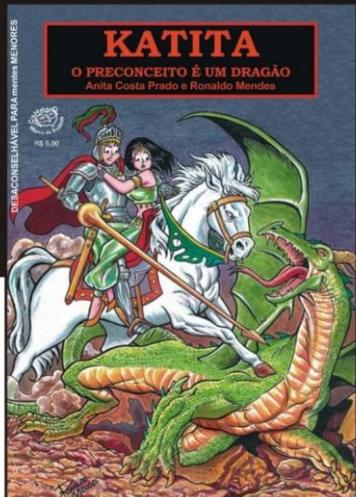


Fim



0003 - 28-07-2006

QUADRINHOS DE GÊNERO



KATITA: O PRECONCEITO É UM DRAGÃO

Anita Costa Prado & Ronaldo Mendes

Tiras com a famosa "Katita", personagem do universo homossexual feminino. Série Corisco nº 7. 32p. 14x20cm. R\$5,00

BER THE BEAR

Rafael Lopes

Tiras sobre os "ursos", que formam uma das categorias do meio homossexual. Série Das tiras coração nº 17 60p. 14x20cm, R\$10,00



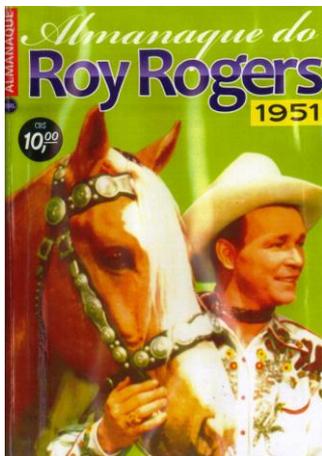
editora@marcadefantasia.com
www.marcadefantasia.com



EM BREVE! NOVO LANÇAMENTO!

Após a inauguração do selo EGO com o lançamento do livro ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS, novo volume está em preparação. Será uma coletânea de trezentos cartuns produzidos por mim, intitulada TRÊS CENTOS DE CARTUNS. Estes cartuns foram publicados em dezenas de fanzines e revistas do Brasil e do mundo (entenda-se "mundo" como Portugal e Espanha). Em breve, maiores informações sobre a edição.

Almanaque ROY ROGERS e Revista TARZAN

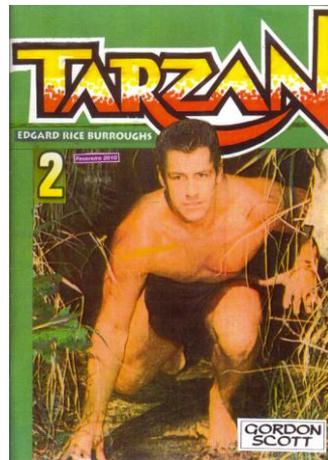


Sérgio Luiz Franque faz mais dois grandes lançamentos.

O primeiro é o “Almanaque de Roy Rogers 1951”. Este Almanaque traz cinco HQs de Roy Rogers: ‘Auxílio Inesperado’, ‘Perigo Dobrado’, ‘O Sócio’, ‘Na Trilha do Perigo’, ‘Uma Testemunha na Tempestade’; duas HQs de Trigger; e uma de Dale Evans, esta com os belos desenhos de Russ Manning. Traz também vários textos sobre o farsite americano. O Almanaque tem 100 páginas em preto e branco e capa colorida. Preço: **R\$ 60,00**.

Sérgio lança também o número 2 da revista mensal “Tarzan”, depois de 25 anos que a Ebal lançou a última série do personagem. Este número traz as HQs ‘Apanha um Endemoninhado’, ‘Yo Mangâni’, ‘Os Elefantes de Athne’, ‘O Lagarto de Chifres’, todas de Jesse Marsh. A revista tem 52 páginas em p&b e capa colorida. Preço: **R\$ 30,00**.

As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais.



Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no MercadoLivre em “Almanaques Raros”.

VISUALIDADES

No primeiro semestre de 2009, a revista “Visualidades – Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual”, da Universidade Federal de Goiás, lançou seu n° 1 (volume 7) dedicado às Histórias em Quadrinhos, com o subtítulo ‘Dossiê HQ’.

Os editores foram Edgar Franco e Rosana Horio Monteiro.

Em meio a vários livros sobre HQs lançados recentemente, este “Visualidades” (um verdadeiro livro, apesar do nome revista) não recebeu a atenção devida. De suas 256 páginas, mais da metade é composta de ótimos artigos sobre Histórias em Quadrinhos. As demais abrangem outros temas das Artes Visuais.

Na Apresentação, Edgar Franco fala sobre ‘História em Quadrinhos – Uma Arte Consolidada’.

O primeiro artigo, de Waldomiro Vergueiro, trata de ‘As Histórias em Quadrinhos no Limiar de Novos Tempos: em busca de sua legitimação como produto artístico e intelectualmente valorizado’.

Em seguida, Gazy Andraus discute sobre ‘A autoria artística das Histórias em Quadrinhos (HQs) e seu Potencial imagético informacional’.

A questão levantada por Elydio dos Santos Neto, a seguir, é ‘O que são Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas? Um Olhar Brasileiro’.

Completando os artigos relacionados às HQs, Henrique Magalhães aborda o tema ‘Fanzine: Comunicação Popular e Resistência Cultural’.

O livro traz ainda uma seção intitulada ‘Ensaio Visual’ com amostras do trabalho de ilustração e História em Quadrinhos de Edgar Franco.

Uma iniciativa valiosa, o livro “Visualidades” é extremamente rico em informações sobre Histórias em Quadrinhos, discutindo temas de grande interesse e nem sempre contemplados em outras obras.

O livro é feito no ambiente do mundo acadêmico e voltado para este meio, mas os artigos estão em linguagem fácil e os assuntos são de grande interesse. Este é um trabalho que merecia uma maior divulgação e ser acessível a um público maior.



VISUALIDADES * 2009 * 256 pág. * A5 * **Faculdade de Artes Visuais** – Campus Samambaia – C.P. 131 – Goiânia – GO – 74001-970.

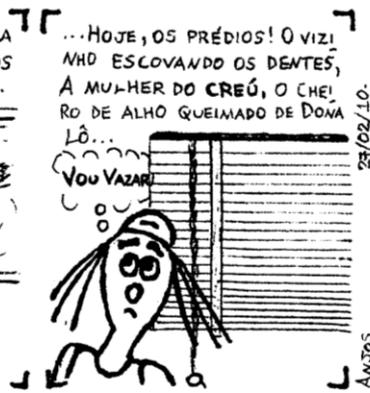
VAMOS TURMA.
AJUDAR A NOSSA
NATUREZA.

DEVAGAR.



BARALHO DO CAOS

EM: BENJAMIN PEPPE
"MUNDO MODERNO"



PARA: PAULO MIGUEL DOS ANJOS

Outubro Nasce Escarlate

Quion de
Leonardo Santana

Ilustraciones de
Daniel Barraco

O.N.E.
DE LEONARDO SANTANA

O QUÊ?...OH... É
VOCÊ, WILLY ??
SIM... ERA
UM PESADELO...

FOI UM SONHO
TERRÍVEL...

VI MINHA CABEÇA
DECEPADA E
ENSANGUENTADA
SENDO CARREGADA
NO PEITO DE
VÁRIAS PESSOAS...



NO SOY CRISTO



VI MÃOS
TOCANDO
MEU CORPO
SEM VIDA
ENQUANTO
EU MESMO
NÃO TINHA
MÃOS...



VISLUMBREI
QUEM UM DIA
EU FUI E
QUEM NUNCA
MAIS SEREI
QUANDO,
FINALMENTE,
FUI
DESPERTADO
POR VOCÊ...

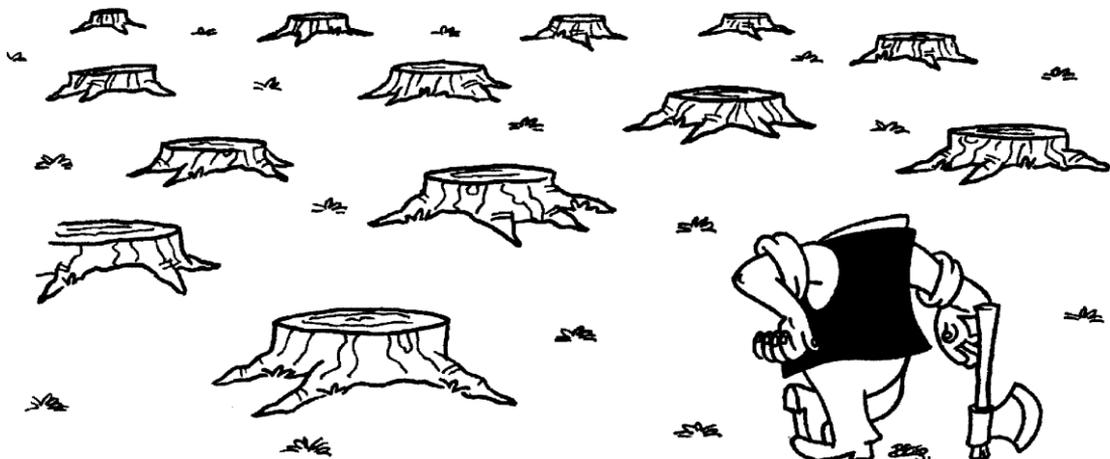


SINTO-ME CANSADO, TENHO MEDO E
ESTOU TRISTE. MAS NÃO DIGA ISTO
AOS OUTROS.

O SOL ESTÁ RAIANDO, VEJA!
QUE DIA É HOJE ? 8 DE OUTUBRO ?
POR QUÊ ? POR NADA...

VAMOS, ACORDE OS OUTROS POIS
É CHEGADA A HORA DE ...

...PARTIRMOS...



FÓRUM

ARTHUR FILHO – “Billy the Kid”

R. Espírito Santo, 232/02 – Porto Alegre – RS – 90010-370

Recebi o “QI” 102, recheado como sempre. Aparecemos lá. Estou preparando HQ de personagem meu: Sato, o Guerreiro do Karatê, para o Daniel de ‘O Sobrancelha’ aproveitar, e desenhando HQ do Gameleira do Corcel Negro, além da “Billy The Kid e Outras Histórias” que já vai para a nº 12!!!

HENRIQUE MAGALHÃES – Marca de Fantasia

Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180

Recebi a edição 102 do “QI”, que está muito boa. Gostei muito que você tenha publicado a carta de Gazy Andraus e ainda mais seu comentário sobre ela. Concordo com tudo o que você disse e sempre me choca a cegueira de tantos intelectuais que vêm as ações desse governo com verdadeiro fanatismo, como uma adoração religiosa. O que Anita reclamou no “QI” procede. A letra miúda, que você mesmo tem dificuldade de ler, creio que é um grande incômodo para todos os leitores, independente da vista cansada dos mais velhos, como eu. Sei que é importante manter a densidade reflexiva do fanzine, por isso tenho uma sugestão simples. Divida esses textos largos, de folha inteira, em duas colunas, como você faz com o ‘Fórum’. O espaço menor do texto formatado em duas ou três colunas virá facilitar a leitura, como acontece com os jornais, que apesar de ter o corpo das fontes muito reduzido, não parecem cansativos para ler. O segredo é que há uma proporcionalidade ideal entre o tamanho do tipo e a largura da coluna, para que a leitura seja confortável. À parte isso, o fanzine continua um show.

ALDO MAES DOS ANJOS – “Cartum”

R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401

Estive na 1ª Mostra de Humor de Jaraguá do Sul, nesta última quarta feira (28 de abril), onde recebi troféu, medalha e certificado referentes a Primeira colocação na categoria História em Quadrinhos com a história ‘Hora do Recreio’. O evento teve como jurados os conceituados cartunistas Gilmar, Custódio, Baptista e Paulo Kielwagen, além da organizadora Cristina Pretti, que é professora de história em quadrinhos.

DENILSON ROSA DOS REIS – “Tchê”

R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380

O “QI” 102 abre com uma homenagem fundamental a Jorge Barwinkel por tudo que ele representou na fanedição gaúcha e também brasileira. Mas, sem dúvida, o grande debate ficou por conta da polêmica se “gibi é cultura”. Independente do que levou o jornalista Dimenstein a mencionar o gibi em seu artigo, o importante para nós foi a resposta de Gazy Andraus e o resgate do tema que você fez no zine. Muitos conceitos foram discutidos por Gazy e você, Edgard, fazendo este texto servir como mais uma referência para o estudo sobre cultura. Tenho para mim que o povo gosta daquilo que conhece e se os governantes apresentarem apenas o que a indústria do entretenimento quer vender, vamos continuar reproduzindo arte de baixa qualidade. Ai, o investimento, não em cultura, mas em educação poderá fazer a diferença. Pergunto: quem quer investir em educação? Parabéns a você e ao Worney pelo resgate da memória do Quadrinho Nacional com as colunas ‘Memória do Fanzine Brasileiro’ e ‘Mantendo Contato’. Espero que dêem prosseguimento a este material.

Notícias sobre HQ???**Acesse**

<http://madeinquadrinhos.blogspot.com>

**Entrevistas, reportagens, colunas,
matérias, dicas e um mundo de
informações sobre quadrinhos**

LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO

C.P. 3061 – Campinas – SP – 13033-970

Recebi hoje o “QI” 102. Ficou muito boa a matéria ‘Memória do Fanzine Brasileiro’ sobre mim. Você tinha informações, datas, por exemplo, que eu nem tinha mais. Obrigado pela matéria. Achei ótima a ideia de você colocar a carta de Gazy Andraus no “QI”. Uma carta oportuna e bem escrita, mas melhor ainda foi o seu comentário, mais objetivo e com mais conteúdo. Como li tudo rapidamente, assim que fizer uma segunda leitura sobre aquele infame Vale Cultura, comentarei com você. Provavelmente aquelas 3 páginas do “QI” trarão ainda muitos comentários.

TONY MACHADO

Av. 02, Q.56, casa 05 – Conj. Vinhais – São Luís – MA – 65071-040

Gostei do novo visual do “QI”, que apresenta um certo amadurecimento, ótima qualidade de impressão, variedade de textos e um espaço maior para publicação de quadrinhos: só a seção ‘Edições Independentes’ encurtou, talvez porque poucos estão produzindo ou enfrentando os mesmos problemas de sempre, enfim, mas é muito bom que tenhamos o “QI” ainda feito com muita responsabilidade e paixão. Aproveite para notificar um pequeno engano no “QI” 102, na divulgação do “Icfire” 61, no qual é citado o nome de meu personagem como Vertigem, quando, na verdade, é Visagem e também que o nosso grupo é Fator HQ, que edita a revista “Comicstation”. Por falar em “Comicstation”, o pessoal se afastou um pouco e não sei se haverá a próximo número, mas outros projetos virão e já estão sendo pensados. Ah, sim, gostaria de dizer que gostei muito da matéria ‘Uma Polêmica – Gibi é Cultura?’, fiquei com vontade de xerocopiá-la e entregá-la a muita gente que pensa como o Dimenstein!

CHAGAS LIMA – “Icfire”

R. Mirian Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440

É sempre bom ver minhas edições sendo divulgadas no “QI”. Sinto pela perda do Barwinkel e do Porini, estamos mais pobres. As seções de matérias e o “Fórum” continuam imbatíveis. Só senti a parte de divulgação de edições independentes muito fraca. Onde estão os editores? Será que houve falta de entendimento por parte dos editores? No mais, boa sorte na nova empreitada e vamos continuar trabalhando e nos divertindo.

ANTONIO PEREIRA DE MELLO

R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Santa Maria – RS – 97045-350

Este ano o “Quadrante X” não sairá na Feira do Livro do que será de 24 de abril a 9 de maio, por falta de tempo para produzir e de verbas para editar. O José Salles prometeu-me para este semestre o gibi especial da Brigada das Selvas, roteiro meu e desenhos de Ailton Elias, e o número 2 do Capoeira Negro, com roteiro meu e desenhos de Alex Cruz.

PAULO JOUBERT ALVES – “Agakê”

C. P. 108 – Ag. Aarão Reis – Belo Horizonte – MG – 30161-970

Acompanhei com especial interesse ‘Uma Polêmica – Gibi é Cultura?’, pois o artigo do jornalista Gilberto Dimenstein já havia repercutido em outra publicação sobre quadrinhos. A carta-resposta do Andraus trouxe um grande número de informações que eu desconhecía. E que talvez nem fosse necessário ser enviado ao autor da nota sobre o Vale Cultura. Isto, pois acredito que o jornalista deve ter tido acesso a estas informações antes de escrever o texto. Ou seja, mesmo sabendo ou não de tudo isto, ele tem o direito constitucional de ter e expressar opinião. Querer mudar a opinião dele a qualquer custo soa tão intolerante quanto a fala do próprio Gilberto querendo decidir qual tipo de leitura é cultura para o usuário do Vale Cultura. Ou seja, do ponto de vista dele, “Playboy” não seria cultura (será que para um aluno de artes, a revista não facilitaria praticar o desenho da anatomia feminina, sem ter que pedir/pagar para que uma mulher fique imóvel e nua para ele?), talvez só escritores do gosto do jornalista fossem considerados “cultura” (quem sabe ele execreria Paulo Coelho). Da mesma forma, os defensores das HQs não admitem que alguém não valorize HQ como cultura ou não a veja como ferramenta de auxílio ao ensino. Será que mais alguém além de mim não percebeu uma mesma inconformidade com o direito de se expressar, de ambos os lados? Qual o problema se Dimenstein não acha que HQ é cultura? Não concordo com ele, mas ele tem o direito de crer nisso. HQ não vai deixar de ser cultura por causa de uma ou mais opiniões contrárias. Da mesma forma, as pessoas que acreditarem nele têm este direito. O preconceito contra HQs já foi muito maior. Um tempinho atrás, Dimenstein seria, talvez, ovacionado! Hoje, eu resido em um estado no qual os governos estadual e municipal adotam e fazem uso de HQs institucionais, além de promoverem eventos de apoio a esta arte, algo impensável décadas atrás. E até parece que preconceito e intolerância não existem entre os quadrinhistas (profissionais ou não) e entre os leitores! O que dizer então dos defensores ferrenhos das HQs nacionais que não admitem sequer ver uma estrangeira no “QI”? Ou os amantes das estrangeiras, que falam mal da nacional sem ler uma sequer? E os detratores dos mangás? Eu mesmo, em pleno sebo, fui procurar por uma tradicional versão nacional de uma revista em quadrinhos de humor e ao perguntar onde estava, já fui “presenteado” com menções pejorativas pelo dono do sebo e um cliente contra a publicação (e eu lá perguntei o que eles achavam da dita?). O que não é direito, como você bem “falou”, é usar de um instrumento como o Vale Cultura e outros programas de renda para a população como forma de coerção de voto. O certo é o governo instituir um salário que cumpra o texto da Constituição e trabalhe para oferecer uma educação de qualidade, pública ou privada, que capacite cada cidadão a utilizar a porcentagem que achar melhor de seus vencimentos com aquilo que ele bem entender que seja cultura. E não um vale-mixa que não é incorporado ao salário, aposentadoria e lhe mantém “preso” ao governante que o instituiu, quer seja pela manutenção das condições para manter o benefício, quer seja pela “obrigação moral” de votar em quem deu o tal “benefício”. Resumindo: Lula não me dirá quanto eu gastarei com cultura. Em contrapartida, eu não obrigarei ninguém a achar a política governamental para a cultura questionável, nem nenhum jornalista a gostar de HQ. Democracia e tolerância eu acho que são assim. O que acho mais complicado é que, se Dimenstein pertence a uma turma de dinossauros aparentemente fadada à extinção, os valores jurássicos de Luís Inácio com os programas de benefício social parecem ainda ter fôlego para um bom tempo.

PAULO MIGUEL DOS ANJOS – “Benjamin Peppe”

R. Kiel, 55, ap. 13-D – São Paulo – SP – 02512-050

Recebi o livro-revista “Top! Top!” nº 26, ‘A Odisseia de Edgard Guimarães’. Está ótimo! Meus parabéns a você, à editora Marca de Fantasia, ao Henrique Magalhães e ao grande trabalho de vocês pela HQB.

ALEX SAMPAIO – “Made in Quadrinhos”

P. São Braz, conj.02, B.LD, ap.03 – Salvador – BA – 40235-430

Grato pelo envio do “QI”, uma publicação que sempre nos traz alegria em receber, mas que me deixou chocado com a capa anunciando o falecimento do amigo eterno Jorge Barwinkel. Fiquei extremamente triste com a notícia. Sabia da sua enfermidade e que ele já não estava publicando o fanzine “O Grupo Juvenil”. Fico lamentando profundamente a perda de um amigo com quem mantive contato desde 1987, há mais de 20 anos. Barwinkel era um profundo conhecedor da 8ª arte e seu fanzine era uma verdadeira enciclopédia para os amantes dos quadrinhos da era de ouro. Um colega sério, prestativo, educado e muitos outros adjetivos positivos. Fica a saudade.

Percebo que muito se fala sobre um mercado organizado de distribuição e controle de quadrinhos, onde poderia haver uma democratização do que se publicaria e consequentemente haveria uma abrangência maior. Já houve muito estardalhaço provocado por parte do Governo sobre leis que regulariam o mercado cultural, onde verbas e incentivos favoreceriam o artista nacional. Na verdade, nunca houve sequer o interesse por parte dos grandes veículos de comunicações em promover uma ampla discussão em torno do assunto. A ANCINAV, por exemplo, poderia estar propondo não exatamente o controle da produção cultural do país, e sim o incentivo aos pequenos projetos edificados em minúsculas salas de criação, garantindo, assim, uma modernização na arte. Nesse contexto, os quadrinhos se enquadrariam. Na análise geral, a ANCINAV não deve só fiscalizar o setor e sim fazê-lo funcionar. Na verdade, o objetivo da ANCINAV seria fomentar a indústria do setor e o cumprimento da nova lei, e nunca fiscalizar de maneira ditatorial o conteúdo artístico dos projetos. Outro agravante na criação da ANCINAV é que o nosso presidente Lula determinou que fossem ouvidos os representantes do setor da produção de música, cinema, teatro, rádio e TV e daí seria dada a partida para as discussões para a criação do projeto. Nesse contexto, os representantes das histórias em quadrinhos ficaram de fora das discussões e sem voz no Ministério. O ex-Ministro Gilberto Gil, que participava dos estudos da ANCINAV, e que já afirmou ser leitor de gibis, nem se lembrou de convidar os artistas da 8ª arte na hora de definir metas na sala de reuniões.

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3ª Dº – Lisboa – 1350-326 – Portugal

Não posso deixar de lhe dar os meus parabéns pelo excelente conteúdo desta edição. Lembrou-me o Luiz António Sampaio, que me ajudou bastante ao ter acesso aos seus artigos, na escolha de personagens da 9ª arte que viria a adoptar, para os meus artigos... Como sabe, escrevi 18 anos para o “Correio da Manhã” e 5 para o “Diário Popular”, além da revista “História” e algumas vezes servi-me dos grandes conhecimentos que este articulista possuía sobre tudo o que era Banda Desenhada, para escrever o meu material. Lembro que este homem é uma autêntica enciclopédia no que respeita a essa matéria. Muito bom. Também não conhecia Milton Sardella e possuo algumas revistas de “Mandrake” que não sabia que eram da sua autoria.

ADRIANO TAKAMURA – “Tatsu”

R. Virgínia Calmon, 122 – Colatina – ES – 29712-045

Aos poucos, estou retomando a vida de fanzineiro. Após alguns anos de reclusão, percebo que uma vez fanzineiro, sempre fanzineiro. Eu adoro o que faço e ainda que não ganhe nem um tostão com isso, sinto que o farei até quando não tiver mais força. Agora, com os eventos de animes, tenho uma forma de expor e apresentar meu trabalho ao meu público alvo, os otakus. Fico me perguntando, se os fãs de comics existem há tanto tempo, por que os eventos são tão escassos? É como se os comiciancos tivessem vergonha de sê-los. Sei que isso não é uma verdade absoluta, mas nós, otakus, ainda enfrentamos o preconceito por carregarmos o estigma de que desenho é coisa de criança, mas a maioria não tem vergonha de ser otaku.

GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Júnior, 66 – Guarani – Brusque – SC – 88350-685

Acredito que a cada desfalque no contingente de pessoas do calibre de Frederico Jorge Barwinkel e Sérgio Porini, ficamos com lacunas que demoram a serem novamente recompostas. Mas temos novos talentos para ocuparem seus lugares, com propósito de desempenhar à altura de seus antecessores, o papel de substituto, uma tarefa nada fácil.

O “QI” está crescendo no seu conteúdo. Pode-se notar o seu esmerado empenho em fornecer aos leitores, cada vez mais, dentro das possibilidades de espaço e número de páginas, uma riqueza de possibilidades. ‘Fórum’ e ‘Mantendo Contato’, muito bons. A matéria ‘Gibi é Cultura’ deveria ser publicada também nos diversos veículos informativos em rede nacional. Seu artigo ‘A Cueca por Cima da Calça’ me lembrou de outro, publicado na revista “Fantástico”, de outubro de 2008, por Marçal Aquino. O herói Nacional Kid da TV também usa cueca por cima da calça. Gostei muito também do depoimento do editor Luiz Antônio Sampaio, inclusive fazendo milagre com o pouco espaço, ilustrado maravilhosamente. Gostei de ver que notaste a tira feita por Henri Schutze, de Timbó (SC), no “Almanaque Sadol” que lhe enviei na vez passada.

ANTONIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – Penha – São Paulo – SP – 03734-130

É sempre um prazer te ver pelo menos uma vez por ano (no Angelo Agostini), assim como os amigos Worney, Baraldi, Paulo dos Anjos, e também tive o prazer de conhecer pessoalmente o José Salles e o Rodval Matias, que considero um dos melhores desenhistas nacionais. É pena que ele não tenha espaço nas grandes editoras de quadrinhos, assim como o Olendino Mendes e o Zenival, esses três desenhistas que praticamente pararam de fazer quadrinhos na década de 1990 (que pena!). Foi com tristeza que recebi a notícia de que mais dois grandes colecionadores de quadrinhos – o Jorge Barwinkel e o Sérgio Porini – também partiram para o mundo espiritual. Mas vamos falar de coisas boas, gostei muito deste número 102 do “QI”, a começar com as duas histórias do Leonardo Santana, o Benjamin Peppe do mestre Shimamoto, assim como a página do Maurício de Sousa com diversos personagens. Beleza as duas páginas do Worney, espero que ele continue citando diversos desenhistas brasileiros, assim como fez com Milton Sardella, e se alguém é capaz de fazer isso é justamente o Worney, um dos caras que sabem muito do mundo dos quadrinhos. Ótimas também as duas páginas do Luiz Antônio Sampaio.

JOSÉ CARLOS DALTOZO

C. P. 117 – Martinópolis – SP – 19500-000

Minha coleção de postais passou dos 163 mil exemplares, está quase incontrolável. Compro, troco e recebo em doação mais postais do que minha capacidade de arquivamento. Outro dia, por exemplo, recebi doação de mais de 600 postais de uma senhora de 90 anos, residente na vizinha cidade de Presidente Prudente. Acontece que, apesar de aposentado, tenho outros afazeres. Atualmente estou finalizando meu oitavo livro, sobre o curso ginásial mais antigo de Martinópolis.

ANTÔNIO LUIZ LOPES – “Versos Livres”

R. Francisco Antunes, 436 – Guarulhos – SP – 07040-010

Embora tardiamente, registro o recebimento do “QI” 100. Achei muito interessante a forma que você encontrou para continuar fazendo o “QI” circulando. ‘A Saga de um Fanzineiro’ conta, realmente, tudo o que temos passado, com muito humor e criatividade. Todo mundo que leu, gostou. É muito bom saber que existe esse intercâmbio entre o circuito alternativo e que tanta gente está envolvida com a cultura, sem se preocupar com o retorno financeiro. Não deixei de publicar a edição de papel, mas o fanzine “Versos Livres” agora também está na internet, através do endereço <http://fanzineversoslivres.blogspot.com>.

VALDENIR S. VELEDA

R. Nei Ribeiro Flores, 1715 – Bagé – RS – 96412-490

Sou gratificado quando vejo e conheço pessoas como você, Dâmaso, Magnago e tantos outros. Vocês me dão muito orgulho e alegria ao fazerem esses notáveis fanzines. O passado retorna ao lermos tais brilhantes materiais. São sensacionais. Torço para que Deus dê muita saúde e força a vocês... por vários anos. Falando nisso, o Brasil (em especial o Rio Grande do Sul) perdeu o grande Jorge Barwinkel. É uma irreparável perda, os quadrinhos ficaram mais pobres. Todos viemos ao mundo com uma missão e tenho certeza que o Jorge cumpriu a dele (e muito bem). Que descanse em paz. Vamos homenageá-lo no Clube de Cinema. Recentemente perdemos Bonini, Colonnese, Gedeone, e agora o Barwinkel. Os guerreiros estão nos deixando. Ficamos nós e varts em frente... até quando o velhinho lá em cima permitir. Vi sua carta no ótimo “A Máquina do Tempo” n° 6, do amigo Fuad. Mais um grande zine.

ALINE LEAL

R. Palmeiras, 520 – Mandacaru – Jequié – BA – 45207-110

O término de “A Goiaba” não justifica o meu desligamento com a cena, da qual continuo participando, seja enviando HQs, tirinhas, poesias – e se quiserem me convidar a participar, estou aí! Pronta para ajudar. Não fiquei rica, não perdi minha humildade e continuo sendo o que sou. Todas as cartas que eu recebo são respondidas e gosto de manter meus amigos correspondentes. De coração, gosto do que faço e se um dia eu tiver mais recursos, poderei até criar algo... Não abandonei e não abandono a cena, pois nela tive e tenho boas coisas a contar. Escrevam-me. Convidem-me a participar de seus trabalhos.

Este número do “QI” está publicando duas páginas feitas por Aline com o personagem Benjamin Peppe de Paulo dos Anjos.

EDGAR FRANCO – oidiclus@gmail.com

Rua R.19, quadra 18, lote 12 – Itaitiaia – Goiânia – GO – 74690-440

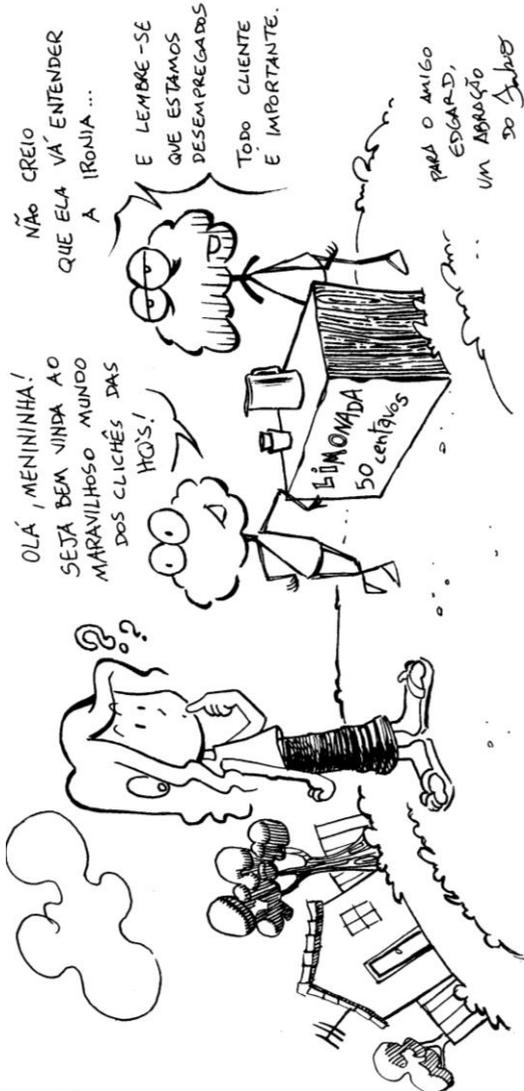
Acaba de ser lançado, pela gravadora suíça Legatus Records, o novo CD de minha banda Posthuman Tantra – “Transhuman Reconnection Ecstasy”. Conto com você para ajudar a divulgar o álbum. Aos sites e veículos de imprensa interessados em entrevistas e resenhas entrem em contato para envio de pacote promo do lançamento.



Venho falar um pouco sobre “Entendendo a Linguagem das HQs”, realmente um grande trabalho que você realizou ao longo dos anos no “QI”, e que findou na centésima edição. Todas as histórias compiladas em uma única edição deram uma outra “cara” ao trabalho, e isso fez com que algo que era ótimo ficasse espetacular! A impressão que se tem é de que você premeditou esta encadernação deste a primeira HQ, visto a conexão perfeita entre elas. Com a simplicidade cortante já conhecida, que explica, ensina e diverte, você monta uma verdadeira oficina sobre HQs. Para aqueles que ainda acreditam que não se produz HQs de qualidade no país, taí um tapa com luvas de pelica e ferradura por dentro.

FABIO ARAÚJO TURBAY

R. Prof. Telmo Souza Torres, 601 – Vila Velha – ES – 29101-295



QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Alex Sampaio enviou a cartilha “Como Limpar e Desinfetar Sua Caixa D’Água” do Governo da Bahia e cartilha da Turma da Mônica sobre a Dengue produzida pela empresa Vedacit. Gaspar Eli Severino enviou o nº 98 da revista “Sesinho”. Kleide Keiti enviou cartilha sobre a Influenza A feita pela Prefeitura de Santa Maria. Paulo Joubert Alves enviou o jornal “Rede Agências” do Correio, com ilustração usando balão e HQ explicando o conceito de Logística Reversa; matéria do “Jornal da AFAEMG” com ilustrações e legendas; cartilha turística da Prefeitura de Nova Viçosa; anúncio do produto de limpeza Comfort usando balões; reportagem com quadrinhos do suplemento “Gurilândia” do jornal “Estado de Minas”; cartilha sobre trânsito da Prefeitura de Belo Horizonte; anúncio da colônia Desejo publicado na revista “Amiga” em 1982; prospecto da empresa Kendall com instruções ilustradas; prospecto dos Laboratórios Galénic com ilustrações encadeadas; HQ anunciando o Instituto Universal Brasileiro publicada em revista; cartilha sobre Licenciamento Ambiental da Prefeitura de Belo Horizonte.



MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

Nesse novo ‘Mantendo Contato’ apresentamos um artista que durante muito tempo foi encarado como um “desenhista fantasma” ou mesmo inexistente! Nos meados da década de 1960 foram publicadas pelo menos oito histórias, ora assinadas como João Rosso, ora como Gean, ou mesmo Gian Luigi, ou ainda Luiz Rosso. Todas apresentavam um traço muito parecido (ou mesmo idêntico) ao do grande mestre italiano Nico Rosso. Como eram HQs curtas, foram republicadas algumas vezes, pela editora Continental, pois preenchiam bem as páginas restantes das revistas de terror. Mas depois desse período o autor sumiu. Isso gerou algumas lendas; poderia ser o próprio Nico Rosso, com um pseudônimo, ou alguém de sua equipe de produção, imitando seu traço. Nos final dos anos 1970 a situação se complicou com o aparecimento do neto de Rosso; Luiz Rosso, que se tornou profissional de animação. Mas a verdade é uma só, Nico Rosso tinha um filho (nascido na Itália como o pai) que se chamava Gian Luigi Rosso e que, de fato, desenhou algumas HQs de terror, ao estilo do mestre. Gian Luigi, porém, seguiu a carreira de químico e faleceu em 1989, com 50 anos. Desfeito o mistério, fizemos uma longa pesquisa e identificamos algumas histórias publicadas e identificadas pelo filho (de Gian Luigi) e neto (de Nico Rosso), Luiz Roberto Rosso.

ENTREVISTA COM LUIZ ROBERTO ROSSO

Realizada em 3 de maio de 2002

Worney Almeida de Souza: Quem era Luiz Rosso?

Luiz Roberto Rosso: Os quadrinhos de meu pai só têm importância no contexto dessa dinastia dos Rosso, vamos chamar assim. Começou com meu avô, meu pai e comigo, todos voltados para o desenho. Vamos fazer um resumo, meu pai nasceu em 1938, dez anos depois ele vem para o Brasil com minha avó. Meu avô veio um ano antes.

WAZ: Qual o nome dele?

LRR: O nome dele é Gian Luigi Rosso, a tradição literal para o português seria João Luiz, por isso existem quadrinhos assinados como João Rosso e outros como Luiz. Eu consegui datar o período que ele produziu quadrinhos entre 1964 e 1967. Três curtos anos. Fiquei sabendo que existem histórias anteriores assinadas como Gean. Minha mãe, próximo ao noivado dos dois, também viu histórias de terror assinadas como Gean, um tema que minha mãe gostava. O noivado foi em 1961, então um pouco antes desse ano temos alguma HQ publicada. Onde, não se sabe.

WAZ: O material teria sido publicado nas revistas na editora Continental?

LRR: Creio que todo o material inédito deve ter sido publicado na Continental com algumas republicações pela editora Outubro, que foi sua sucessora.

WAZ: Qual era o vínculo dele com a editora?

LRR: Temos uma foto que registra que ele colaborava com o pessoal da época.

WAZ: Temos outra foto de 1959 em que ele está na inauguração da editora Continental.

LRR: O período de que consegui informações foi entre 1964 e 1967. Sei que existe material anterior, mas não localizei.

WAZ: A produção dele foi até que ano?

LRR: Bom, voltando àquela cronologia. Em 1957 ele começa a estudar geologia e nesse ano existe um programa juvenil de TV, no canal 3, chamado “Porta do Saber”, nos mesmos moldes do “O Céu É o Limite” e meu pai respondia sobre desenho. Já estava engajado no tema, mesmo estudando geologia. Mas ele desiste da geologia e entra

no Mackenzie, em 1958, para estudar química. Em 1959 ele sofre um acidente e fica em coma e perde esse ano escolar. No ano seguinte, ele se transfere para o Liceu Eduardo Prado e completa o curso e se forma químico. Ele noiva com minha mãe em 1961 e no ano seguinte eles se casam. Em 1963, ele começa a trabalhar em indústrias alimentícias, trabalhou da Swift, na Bourbon, num laboratório farmacêutico, que ninguém da família lembra o nome, e depois na Kibon.

WAZ: Ele casou com quantos anos?

LRR: Ele casou com 25 anos. Até 1962, ele fazia quadrinhos e estudava. Você vê o engajamento dele com o desenho.

WAZ: Como ele trabalhava na área química, isso explica o pouco material que deve ter sido publicado. Ele deveria desenhar suas histórias nos finais de semana e em horas vagas.

LRR: O que eu sinto é o amor pelo desenho, trabalhava o dia inteiro e quando tinha uma pequena folga ele produzia quadrinhos. Nossa família tem uma grande necessidade de desenho, estamos na terceira geração, espero que a próxima (meu filho) mantenha essa sina. Na pesquisa que você me pediu, eu conversei há cerca de um mês com o Kazuhiko, que foi o grande colaborador de meu avô, e voltando ao passado conversamos muito e ele quis saber o que eu fazia. Eu disse: desenho! Ele ficou espantado. Eu perguntei o motivo e ele comentou que sempre dizia ao meu avô que o neto levava jeito com o desenho. Meu avô afirmava que: “deixa ele decidir o que quer ser, só quero que ele tenha uma profissão fixa, porque o desenho é muito desgastante”. Então o que tivemos em nossa família foi que o grande mestre Nico Rosso influencia meu pai, ele começa a produzir, com um pequeno incentivo de meu avô por uma profissão fixa, meu pai se torna químico. Enquanto que eu comecei a estudar química e depois decidi me voltar para o desenho.

WAZ: Seu pai mudou de São Paulo em 1969...

LRR: Nesse ano ele vai para o Maranhão, antes ele estava muito engajado na Kibon, ele saiu para ir ao Maranhão para desenvolver toda a parte de sorvetes nas indústrias Jesus, ele fica um ano por lá. Em 1970, ele vai trabalhar na Maguari, em Recife. Em todo esse período ele não produziu mais nenhum quadrinho. Creio que em 1967 ele encerrou esse lado de desenhista. De 1970 a 1972, ele trabalha em Recife e em 1980 ele se forma em administração de empresas e morre em agosto 1989.

WAZ: Ele faleceu em Recife?

LRR: Ele morava e trabalhava em Recife, mas faleceu em São Paulo, numa viagem. No dia em que desembarcou, ele me liga dizendo que estava muito cansado, não estava muito bem, e que no dia seguinte nós conversaríamos. Isso não aconteceu. Às 4h40, ele teve um infarto do miocárdio, ele estava cansado, possivelmente já sentindo anginas, então ele veio a falecer aqui.

WAZ: Seu pai e sua mãe se separaram em 1972...

LRR: Eles se separaram em 1972, mas o divórcio só saiu em 1979. Depois da separação, minha mãe e os filhos voltaram a morar em São Paulo.

WAZ: Quando irmãos você tem?

LRR: Por parte de minha mãe tenho mais dois irmãos e tenho mais duas irmãs, filhas da outra esposa de meu pai, que moram em Recife. Eu sou o mais velho.

WAZ: Seu pai tinha irmãos?

LRR: Tinha uma irmã, que está viva e deve ser dois anos mais nova que meu pai. Ela nasceu na Itália, como meu pai, só que ela é naturalizada brasileira e meu pai não.

WAZ: Com quantos anos seu avô veio para o Brasil?

LRR: Meu avô nasceu em 1910 e chegou aqui em 1947, com 37 anos. Ele veio pela Guerra. Lá ele trabalhava com ilustração. Estou fazendo um levantamento sobre esse período, tanto certo como oito livros que ele ilustrou, algumas capas de catálogo. Ele também ganhou um prêmio pela ilustração de um livro do Pinóquio. Mas como eu consegui saber que meu avô ilustrou dois livros do personagem, preciso descobrir qual deles foi o merecedor do prêmio e qual entidade que outorgou a comenda. Preciso fazer o contato na Itália para saber se a editora que publicou o trabalho ainda existe. Já comprei um livro ilustrado por meu avô, pela internet, já recebi, só que a edição está atualizada. Chama-se “As Filhas do Faraó”, existe uma alteração das posições das ilustrações dentro do livro, inclusive uma ilustração interna foi publicada na capa. A edição original é de 1943, apesar da edição atual ter o miolo em preto e branco, a original deve ter sido publicada em cores.

WAZ: Seu avô veio primeiro e depois trouxe a família?

LRR: Ele veio para o Brasil a trabalho. Ele tinha a oportunidade de vir para cá ou para Quebec, Canadá. Minha avó não tinha muita disposição para lugares frios, apesar de ter nascido no norte da Itália. Isso pesou na escolha de meu avô. Em 1948, vieram minha avó, meu pai e minha tia, algum tempo depois vieram os pais de meu avô. Na Itália, eu ainda tenho alguns primos.

WAZ: Qual era a relação de desenho e de quadrinhos entre seu avô e seu pai, o que você sabe do início do interesse de Luiz Rosso pelo desenho?

LRR: Meu avô trabalhava em casa. Bom, ao mesmo tempo em que ver meu avô desenhar é um grande incentivo, que eu também pude receber, por outro lado tem aquele peso de ser um Rosso. Por que eu não fiz quadrinhos, fui para o desenho animado? Porque tinha esse estigma. Em todos os locais que eu me apresentei, todos perguntavam qual era meu parentesco com Nico Rosso, isso é uma grande dificuldade. Creio que meu pai deve ter passado por isso, pelas comparações. Analisando as histórias que você encontrou, vemos que são HQs curtas e creio que havia uma sintonia entre a editora (que precisava de HQs curtas para preencher as revistas) e meu pai que precisaria produzir poucas páginas. Daí a razão de meu pai só ter publicado HQs curtas.

WAZ: Da mesma forma a razão das muitas republicações, também para preencher outras revistas...

LRR: Outra coisa que não sabemos é de quem eram os roteiros, por que não há assinaturas ou referências.

WAZ: Nesse período (início dos anos 1960), seu avô já havia montado a equipe de produção?

LRR: Começou com uma pequena equipe. Primeiro foi uma pessoa que não me lembro o nome, depois começou a trabalhar com João Batista Rosa e Kazuhiko, que acompanhou meu avô até a morte. Também trabalhou com meu avô o desenhista Josmar Fervereiro.

WAZ: Você tem alguma referência da produção de quadrinhos de seu pai, ele chegou a comentar sobre isso?

LRR: Existia um filtro que, para mim ele era um químico, já meu avô era desenhista. Mas o desenho está latente em toda a família, meu irmão não desenha, mas conhece muito desenho. Lá em Recife, existem desenhos, ilustrações dele, apesar de ter se dedicado à química, ele nunca abandonou o gosto pelo desenho.

WAZ: Seu pai deixou de publicar, mas continuava a desenhar, desse período você tem algum material?

LRR: Esse material todo está em Recife com minhas irmãs.

WAZ: Seu pai participou da equipe de produção de Nico Rosso?

LRR: A equipe de produção de meu avô funcionava da seguinte maneira: como ele tinha muita demanda, ele precisava de ajudantes. O esquema de trabalho dele era desenhar todos os rostos, mãos, delimitava quase todo o trabalho para ter uma uniformidade do desenho e a parte mais fácil de preencher espaços, hachurados e ambientes. Tenho ainda páginas inacabadas que isso está bem destacado. Ele só reduz sua equipe, ficando somente com o Kazuhiko, quando decide produzir menos e melhor. Tenho quase certeza de que meu pai participou dessa equipe. Quando minha mãe e os três filhos voltaram para São Paulo, fomos morar próximo ao meu avô, ele sempre dizendo que deveria decidir por mim mesmo o que deveria fazer. Inclusive ele me ajudou a me direcionar para estudar química. Mas eu esperava ele acabar uma capa ou uma ilustração e o que sobrava de tinta, eu sempre pedia para usar. Então não havia jeito de não ser desenhista. Ele perguntava se queria ganhar um dinheirinho, então eu voltava da escola, pegava meu namiquim e preenchia os espaços de várias páginas de quadrinhos. O famoso “xis” indicado para cobrir de preto. Lembro-me muito da série “Mitologia”. Então creio que como eu, meu pai também deve ter colaborado muito com meu avô. Quando ele (Luiz Rosso) começou a produzir suas histórias deve ter havido uma recíproca de meu avô. Ele deve ter orientado muito meu pai.

WAZ: Na sua casa você se lembra se seu pai tinha algum espaço para desenho, alguma prancheta, alguma mesa de desenho?

LRR: Não me lembro, mas creio que não deve ter havido, ele foi para o Maranhão para criar uma fábrica inteira. No Recife, também não tenho nenhuma recordação nesse sentido.

WAZ: Você acha que tudo que ele produziu em quadrinhos foi publicado, não existe nada de inédito?

LRR: Creio que sim.

WAZ: Você acabou ficando com o pouco que sobrou do material de seu avô, por acaso identificou algum trabalho de seu pai?

LRR: Nada, nada, porque o que sobrou foram algumas capas, algumas páginas incompletas, mas nada de meu pai.

WAZ: Nico Rosso era canhoto e Luiz Rosso era destro.

LRR: Isso era uma particularidade que possibilita identificar algumas coisas no traço. Meu avô era totalmente canhoto, ele só troca de mão, em 1978-1979, quando sofre um espasmo cerebral, com a queda do estúdio dele e ele tem uma paralisia parcial do lado esquerdo do corpo. E nesse momento ele começa a desenhar com a mão direita.

No próximo número, continuação da matéria sobre Luiz Rosso.

Depoimento do Editor

ALVIMAR PIRES DOS ANJOS

Nasci em Lins em 9 de abril de 1952. Transferi-me para Campinas em 1957. Minhas primeiras incursões literárias datam da época do ginásio e a primeira publicação que registrou meus escritos foi o jornalzinho “O Bicão”, da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em setembro de 1971. Minha primeira HQ, escrita em 1969 e parcialmente finalizada tinha o personagem Atlantis como protagonista.



A incursão seguinte foi motivada pelo surgimento da revista “O Judoka” da Ebal em 1969. A HQ que fiz desse personagem pode ser considerada minha primeira totalmente completa. Não foi publicada pela Ebal devido ao cancelamento da revista.

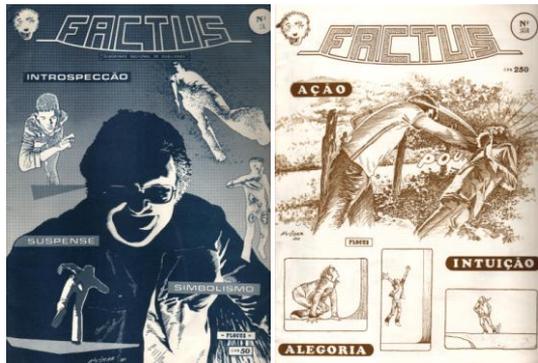
Em 1974/75 desenvolvi ‘Kaapora’, uma série baseada em pesquisas de enigmas do Brasil Central. Efetuei viagens diversas a Goiás, Mato Grosso, coletando dados para as histórias, contudo somente em 1978 é que apresentei o projeto à Ebal. Esse material, analisado por Naumin e Adolfo Aizen, foi muito elogiado, porém o saudoso Adolfo Aizen exigiu-me dez álbuns prontos para início de publicação, o que de certo modo desanimou-me, uma vez que não me dava garantia nenhuma, caso mudasse de idéia.

Em 1979, trabalhando na agência de propaganda Unart, seu proprietário propôs-me sociedade no lançamento de revista de quadrinhos, logo por mim batizada de “Factus”. Abandonando o barco, contudo, fiquei sozinho na empreitada. O primeiro número saiu em 1980, teve uma tiragem de 12500 exemplares, sendo distribuída em Campinas, São Paulo, Grande ABC, Santos e Rio de Janeiro. A Copião S/C Ltda, gráfica que produziu a revista, agiu de má fé, no entanto, providenciando tiragem extra, matando assim a galinha dos ovos de ouro. Vendeu direto a jornalheiros, fazendo distribuição paralela, o que não impediu que falisse dois anos depois, quando denúncia de jornalista esclareceu a situação.

Em 1981, o editor Oscar Christiano Kern enviou-me seus primeiros números de “Historieta”. Como já estava propenso a continuar com tiragens menores de mil exemplares, no ano seguinte aprontei o segundo número da revista, distribuída em bancas apenas em Campinas, além de ser vendida pelo correio para colecionadores que aderiram à assinatura de 4 números. Então “Historieta” 5 serviu de ânimo para o lançamento de “Factus” 2. Acho que por ser vendida em bancas até o número 3, somente a partir do nº 4 é que “Factus” pode ser considerada uma publicação independente, um fanzine como se diz. Acho que o correto seria dizer “quadrinho independente”, pois fanzine se aplicaria a edições de fãs de algo existente, como fanzine do Perry Rhodan, do Batman, do Homem-Aranha etc. Acho o termo fanzine um pouco depreciativo, pejorativo, como se fôssemos amadores pretensiosos, quando o que nos breca é o colonialismo cultural e a estratégia de venda a preço de banana dos originais gringos. Então, nada de fanzine, publicação independente é que seria o termo correto.

O nº 2 de “Factus”, impresso em off-set, ainda na picareta Copião, provou que 500 exemplares seriam suficientes para continuação como publicação independente. Assim, os números 3 (1984) e 4 (1987) fixaram-se nessa tiragem. Todos os números estocados, além de venda por correio a assinantes e compradores avulsos, também foram expostos em livrarias: Pontes em Campinas e Muito Prazer em São Paulo. Uma boa surpresa foi, indo a São Paulo, constatar que toda a quantidade deixada com o Emílio Lucindo Valadares esgotara-se, prova do interesse do leitor por edições com bom acabamento gráfico. Também na Pontes a venda resultou satisfatória.

Mas como minhas atividades principais (a confecção de livros para clientes, inclusive a revisão literária) tomavam-me muito tempo, decidi em 1987 editar o último número da assinatura e encerrar minha atividade como editor independente, já que não havia lucro, apenas recuperação parcial do investido.



“Factus” nº 1 (1980) e nº 2 (1982).

Assim, preparei uma saída à francesa: distribuí um aviso junto com o nº 4 propondo um cadastro de remessa automática para os interessados. Ficava no ar a ideia de que continuaria, quando em verdade encerrava-se ali a trajetória de “Factus”. O somatório da experiência toda foi ter botado o dedo na ferida em assuntos antes escamoteados pela classe artística/aficionados. Assuntos como o uso de modelos/fotos encenadas por artistas como Milton Cannif, Alex Raymond e outros.

“Factus” também abordou assuntos como patrulhamento artístico, a inspiração óbvia de HQs com temáticas elementais, como saci-pererê, Aquaman, Thor, Miudinho, Príncipe Valente etc., algo inédito no Brasil. Deu também oportunidade a vários artistas, amadores e profissionais, recebeu cartas de novatos, hoje redatores como Rodinério Rosa, e até de escritores como a Sônia Luyten. Chegou a diversos países como Austrália, USA, Cuba etc.

“Factus”, até o número 4, teve entre 24 e 34 páginas, no formato aproximado de 22x30 cm, impresso em off-set.

Uma consequência da publicação de “Factus” 3 é que na exposição de 3 originais da HQ ‘Pimenta em Terra Alheia’, em Jundiá, conheci Igayara, da Editora Morumbi (do grupo Abril), que me convidou a desenhar uma HQ para a revista “Ação Policial”. A HQ ‘Franco Atiradores’ foi feita, comprada, elogiada pela redatora Áurea Lopes, mas não foi publicada pois a revista acabou no nº 2.

Mas a trajetória de “Factus” terminava em 1987, embora só eu o soubesse. Em 1989, uma saudade monstruosa dos anos 1960 fez-me desaguar no papel todo o encanto constituído pelo período que vai de 1957 a 1969, permeado pelas conquistas futebolísticas, a influência da tevê no cotidiano, além da influência das HQs no imaginário coletivo da gurizada.

Também nos anos 1980, incentivei o surgimento de fanzines (esses, sim, fanzines, pois motivados pela arte de expoentes como Watson Portela). Providenciei a impressão de “Arte-Final” do Rosevaldo Alves da Silva, de Santo André, em 1983/84. Posteriormente, revisei, diagramei, ilustrei e providenciei impressão também para o “Musart”, do mesmo editor, em 1987/89.

Paralelo a tudo isso, revisei obras como “Reconciliação”, de Raul Olavo Ribeiro; “Ansia de Vencer” e “Estigma de uma Ambição”, de José de Alencar da Silva; “Quando Santa Ernestina era Vila”, de João de Almeida Rollo, entre outras.

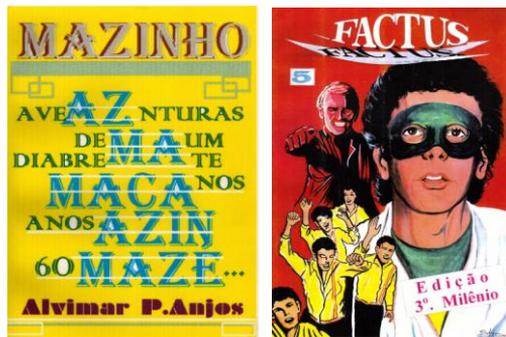
Nos anos 1990, publiquei prancha intitulada ‘Por quê?!’ na edição “Eco Lógico” de Edgard Guimarães, que contou com participantes de todo o país. Também colaborei, para o mesmo editor, com uma página para “Psiu Mudo” e roteiro em parceria com Roberto Causo para a edição “Deus”.

Na área de ilustração/exposição, em 1980, nas dependências do Museu de Arte Contemporânea de Campinas, expus 20 páginas de “Factus” 1, além de mais outras cinco a integrarem o número 2. Em agosto de 1984, participei da ‘1ª Expo HQ de Jundiá’, organizada pelo ilustrador/roteirista Gedeone Malagola. Em 1984, participei da ‘IV Exposição de Quadrinhos e Ilustrações’ no Masp, em São Paulo.

Também em 1984, participei com ilustração para o livro “Nós, Palhaços”, de Cândido Coelho Neto.

Na década de 1990, debutei nacionalmente nas revistas “Mephisto” e “Guerreiros de Jobah” da Editora Ieca, de Campinas, com HQ própria (‘Pimenta em Terra Alheia’) e roteiros para outros artistas (‘O Enigma de Linfah’ e ‘Prisioneiros de Retrus’). Também escrevi o artigo ‘Análise sobre a obra de Alexander Raymond’.

Em 1998, saiu a edição do livro esboçado em 1989: “Mazinho, Aventuras de um Diabrete nos Anos 60”, com 285 páginas, 55 com ilustrações. Essa obra surgiu da necessidade do registro de uma época dourada, influenciada pelos oito anos de conquistas futebolísticas (1958 a 1966), além da influência da tevê e das revistas quadrinísticas que com ela competiam na ocasião. Também o contexto político é ali abordado, como o golpe militar de 1964, o surgimento do Esquadrão da Morte etc. Como acidentei-me em 1976, resultando-me uma hemiplegia, este trabalho é uma maneira de resgatar a aura mágica que impregnou-me parcela da existência e que, sem esse registro, perderia-se no tempo como se jamais houvesse transcornado.



Capa do livro “Mazinho – Aventuras de um Diabrete nos Anos 60” (1998) e “Factus” 5 (2000).

Em meados de 1995, pesquisando em meu arquivo, deparei-me com cartas diversas elogiando de tal maneira “Factus” 4 que deu-me vontade de fazer o arremate: soltar um “Factus” 5 publicando minha HQ do Judoka, roteiro de Júlio e Reinaldo. Essa edição acabou saindo em 2000, como uma edição para o 3º milênio.

Atualmente, além de projetos para livros, tenho desenvolvido roteiros de ficção científica da série ‘Gilvath’ em parceria gráfica com Mozart Couto, artista mineiro, série prevista para seis álbuns. Já foram publicados, a partir de 2000, 5 álbuns com os títulos ‘O Dilema de Gilvath’, ‘Degredo em Fichthus’, ‘Terror em Schirinlac’, ‘Casirah, a Voragem do Abismo’ e ‘Confronto em Sarath’. Álbuns independentes, com cerca de 60 páginas, capa colorida, formato 21,5x31,5cm.

O primeiro número de “Gilvath” foi divulgado, junto com outras publicações, em matéria de página inteira na edição de 3 de janeiro de 2001 de “O Estado de S. Paulo”, com reprodução colorida da capa.



Capas de “Gilvath” nºs 1, 2, 3 e 5

EDIÇÕES INDEPENDENTES

Ilustração: Alex Doeppre (RS)



**Fanzine
ARQUIVO**

CineHQ: Homem de Ferro.
Indiana Jones & Speed Racer

Contato: tchedenilson@gmail.com



ORIOK - 01

A PRIMEIRA EDIÇÃO DO HERÓI QUE DOMINA A GEMA MÍSTICA. NESTA PRIMEIRA EDIÇÃO ORIOK ENFRENTA O VAMPIRO VANDER. FINAL SURPREENDENTE. TEXTARTE DE CHAGAS LIMA. 20 PÁG. A5. CAPA COR. R\$ 3,00 OU SELOS, OU TROCA. JUN/2010. APERIÓDICO. CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.

ICFIRE



ICFIRE - 61

A primeira edição de 2010 vem com um supercrossover entre Icfire de Chagas Lima e Vertigem do Tony Machado, do grupo Comicstation, com arte de Chagas Lima. Cartas. Ilustrações de Assis Lima, Edson Gonçalo e Tony Machado. 40 PÁG. A5. Capa Color. R\$ 6,00, ou selos, ou troca. Jan/2010. Mensal. Chagas Lima. R. Mirian Coeli, 1737, Lagoa Nova, Natal/RN, 59054-440.

ICFIRE



ICFIRE - 64

NESTA EDIÇÃO, ICFIRE ENFRENTA NOVAMENTE O TOURO E APARECE ATÉ UMA TAL MULHER-ICFIRE?! POR ASSIS E CHAGAS LIMA. IMPERDÍVEL. E AINDA UMA TENEBROSA AVENTURA NUMA ILHA DE ASSIS E CHAGAS LIMA. MUITAS CARTAS. ILUSTRAÇÕES. 28 PÁG. A5. CAPA COR. R\$ 4,00, OU SELOS, OU TROCA. ABR/2010. CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.

ICFIRE



ICFIRE - 65

NESTA EDIÇÃO, ICFIRE NUMA AVENTURA TOCANTE ONDE REFLETE QUEM ELE É DE VERDADE. POR ASSIS LIMA. E MAIS: UMA HQ COM OS INSUPERÁVEIS POR CHAGAS LIMA. IMPERDÍVEL. CARTAS E ILUSTRAÇÕES. E LISTA DE EDIÇÕES QN. 24 PÁG. A5. CAPA COR. R\$ 4,00, OU SELOS, OU TROCA. MAI/2010. CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.

ICFIRE ACTION



ICFIRE ACTION - 01

Nesta edição de estreia, duas histórias de Icfire. Uma escrita e desenhada por Assis Lima e a outra por Arruda pai e filho. O maior ícone do Universo Clima em nova revista. Inicie aqui uma nova coleção. 16 PÁG. A5. Capa Color. R\$ 3,00 ou troca. Abr/2010. Aperiódico. Chagas Lima R. Mirian Coeli, 1737, Lagoa Nova, Natal/RN, 59054-440.

QUADRINHOS

AÇÃO E REAÇÃO * nº 1 * abr/2010 * 8 pág. * A6 * 1 selo de 1º porte * Alcivan Gameleira - R. Francisco Sales de Aquino, 116 - Pau dos Ferros - RN - 59900-000.

ALMANAQUE DO ROY ROGERS 1951 * abr/2010 * 100 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 60,00 * Sérgio Luiz Franque - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ALMANAQUE METEORO * nº 1 * abr/2010 * 52 pág. * 160x230mm * capa color. * R\$ 5,00 * Roberto Guedes - Av. Iraf, 393, conj. 111 - São Paulo - SP - 04082-001.

ARQUIVO * nº 32 * abr/2010 * 20 pág. * A5 * R\$ 2,00 * Denílson Reis - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

BER THE BEAR * 2010 * 64 pág. * 140x200mm * capa color. * Henrique Magalhães - Av. Maria Elizabeth, 87/407 - João Pessoa - PB - 58045-180.

BOCA DO INFERNO * nº 6 * mai/2010 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * José Salles - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

BRIGADA DAS SELVAS * mai/2010 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * José Salles - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

CADERNOS MOURA BD * especial * abr/2010 * 40 pág. * A4 * capa color. * 5 euros * Câmara Municipal de Moura - Pr. Sacadura Cabral - Moura - 7860-207 - Portugal.

CAMPANA * nº 4 * jan/2010 * 60 pág. * A5 * capa color. * R\$ 6,00 * Rafael Tavares - R. Juvenal de Carvalho, 788/1301 - B. de Fátima - Fortaleza - CE - 60050-220.

CARTILHA CARTUM COPA DO MUNDO * mai/2010 * 20 pág. * A5 * color. * Aldo Maes dos Anjos - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARTUM * nº 53 * mai/2010 * 28 pág. * A5 * color. * Aldo Maes dos Anjos - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CASTELO DE RECORDAÇÕES * nº 39 * abr/2010 * 34 pág. * A4 * José Magnago - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

CASTELO DE RECORDAÇÕES * n° 1 * abr/2010 * 8 pág. * meio ofício 2 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

CHATO * n° 8 * mai/2010 * 8 pág. * A6 * **Matheus Muniz** - C.P. 011 - Americana - SP - 13465-970.

CORPORAÇÃO THEMIS * n° 2 * mai/2010 * 32 pág. * A5 * capa color. * **Carlos Masuda** - R. Estero Belaco, 186, ap.33 - São Paulo - SP - 04145-020.

DEVORADORES DE GIBIS * n° 16 * mar/2010 * 20 pág. * ofício 2 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

ICFIRE * n° 65 * mai/2010 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

ICFIRE ACTION * n° 1 * abr/2010 * 16 pág. * A5 * capa color. * R\$ 3,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

JORNAL GRAPHIQ * n° 40 * abr/2009 * 16 pág. * 280x320mm * R\$ 2,00 * **Mário Latino** - C.P. 213 - Suzano - SP - 08675-970.

JOU VENTANIA * n° 3 * mar/2010 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 3,50 * **Leonardo Oliveira** - R. Dois de Fevereiro, 400 - Eng. de Dentro - Rio de Janeiro - RJ - 20730-452.

LEITOR VIP * n° 7 * mai/2010 * 16 pág. * A5 * **Aldo dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

OS LENDÁRIOS * n° 2 * 2010 * 12 pág. * A5 * capa color. * **Cleber Cachoeiras** - R. Ana Genoveva Piedade, 15, casa 1 - J. Cruzeiro - Itapetininga - SP - 18214-710.

A MÁQUINA DO TEMPO * n° 7 * mai/2010 * 40 pág. * A4 * **Fuad Salim Abdala** - R. Vicente Rizola, 1546 - Belo Horizonte - MG - 31080-160.

METEORO * n° 2 * mar/2010 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

MOCINHOS & BANDIDOS * n° 94 * jun/2010 * 44 pág. * A4 * capa color. * R\$ 35,00 (ass. 4 n°s) * **Diamantino da Silva** - R. Prof. José Horacio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 - São Paulo - SP - 05640-903.

OMI * n° 80 * 2010 * 24 pág. * **Gerd Bonau** - Berliner Strabe 9 - Rendsburg - 24768 - Alemanha.

ORIOK * n° 1 * jun/2010 * 20 pág. * A5 * capa color. * R\$ 3,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

PENITENTE * n° 3 * jan/2010 * 20 pág. * 170x260mm * color. * R\$ 4,00 * **Lorde Lobo** - R. Sport Club Rio Grande, 56 - V. São Paulo - Rio Grande - RS - 96202-320.

QUADRANTE SUL * n° 3 * mar/2010 * 8 pág. * A5 * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

QUADRIX AVENTURA E FICÇÃO * n° 2 * jan/2010 * 56 pág. * 170x240mm * capa color. * R\$ 6,00 * **Alex Magnos** - R. São Sebastião, 640 - Maracanaú - CE - 61932-250.

RAIO NEGRO E VELTA * n° 2 * mar/2010 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

SARAU DA MARIAZINHA * 2009 * 104 pág. * 145x295mm * color. * **Fabio Turbay** - R. Prof. Telmo Souza Torres, 601 - Vila Velha - ES - 29101-295.

SPACE OPERA * n° 1 * mai/2010 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

SUBTERRÂNEO * n° 35 * mai/2010 * 8 pág. * A6 * **Marcos Venceslau** - Av. Ceci, 732 - Planalto Paulista - São Paulo - SP - 04065-001.

TARZAN * n° 2 * fev/2010 * 52 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 30,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

TATSU * n° 9 * abr/2010 * 24 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Adriano Takamura** - R. Virgínia Calmon, 122 - Baunilha - Colatina - ES - 29712-045.

TATSU CATÁLOGO * n° 2 * abr/2010 * 12 pág. * A6 * **Adriano Takamura** - R. Virgínia Calmon, 122 - Baunilha - Colatina - ES - 29712-045.

TRÉPLICA * n° 6 * abr/2010 * 12 pág. * A5 * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

VUADORA COMICS * n° 2 * mai/2010 * 12 pág. * A5 * capa color. * **Matheus Muniz** - C.P. 011 - Americana - SP - 13465-970.

VULTO 20 ANOS * abr/2010 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * n° 122 * mai/2010 * 28 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** - renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * n° 190 * abr/2010 * 16 pág. * ofício * **Ilma Fontes** - Av. Ivo do Prado, 948 - Aracaju - SE - 49015-070.

JORNAL DO SÁBIO * n° 206 * abr/2010 * 1 pág. * A4 * **Antônio Fernando de Andrade** - R. D. João Moura, 305 - Engenho do Meio - Recife - PE - 50730-030.

MENSAGEIRO * n° 196 * mai/2010 * 4 pág. * A5 * **Arthur Filho** - R. Espírito Santo, 232/02 - Porto Alegre - RS - 90010-370.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

ALGOZ * n° 10 * **Kleide Keite** - R. 1° de Maio, 112 - Pernambuco - Salvador - BA - 41120-120.

CAL - CENTRO DE AÇÃO LITERÁRIA * n° 4 * **Benilson Toniolo** - R. Sebastião de Oliveira Damas, 293 - Campos de Jordão - SP - 12460-000.

COTIPORÁ CULTURAL * n° 28 * **Adão Wons** - R. Marclio Dias, 253 - Térreo - Cotiporá - RS - 95335-000.

CRUZ E SOUZA * n° 4 * **Kleide Keite** - R. 1° de Maio, 112 - Pernambuco - Salvador - BA - 41120-120.

ESSÊNCIA POÉTICA * n° 3 * **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

FALANDO A SÓS * n° 26 * **Mauro Sousa** - C.P. 2030 - Santos - SP - 11060-970.

O GARIMPO * n° 58 * **Cosme Custódio da Silva** - R. dos Bandeirantes, 841/301 - Matatu - Salvador - BA - 40260-001.

O JORNALZINHO * n° 184 * **Araci Barreto da Costa** - R. Anízio Pereira Rodrigues (antiga Rua 7), 761 - Quadra 27 - Apolo III - Itaboraí - RJ - 24800-000.

LEIAMIGOS * n° 456 * **Denise Teixeira Viana** - C.P. 11052 - Rio de Janeiro - RJ - 20236-970.

LETRAS SANTIAGUENSES * n° 86 - **Auri Sudati** - C.P. 411 - Santa Maria - RS - 97001-970.

O LITERÁRIO * n° 758 * **Osaél de Carvalho** - C.P. 8109 - Rio de Janeiro - RJ - 21032-970.

LITERARTE * nº 300 * **Arlindo Nóbrega** – R. Rego Barros, 316 – São Paulo – SP – 03460-000.

LIVRARIA POSTAL * catálogo com dezenas de livros * **Robson Achiamé** - C.P. 50083 - Rio de Janeiro - RJ - 20062-970.

O MURO * nº 18 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

VIDA E PAZ * nº 127 * **Mauro Sousa** – C.P. 2030 – Santos – SP – 11060-970.

A VOZ * nº 112 * Av. Dr. José Rufino, 3625 - Tejipió - Recife - PE - 50930-000.

RECADOS

A **Prefeitura Municipal de Volta Redonda** promove o 23º Salão de Humor de Volta Redonda. Informações: www.portalvr.com.

Ivone Vebber promove a coletânea “Brasil Literário 2010” – R. José Boschetti, 222 – Caxias do Sul – RS – 95040-420.

João Manuel Pereira Machado envia lista de venda de gibis antigos, com destaque para revistas da Ebal e RGE. – R. Benjamin Constant, 481 – Centro – Itu – SP – 13300-123.

Celso Antonio procura as revistas “Planeta dos Macacos” (Bloch) 2 a 16 e Especial e vários números de “Batman Especial em Cores” (Ebal). – celsoantonio2009@hotmail.com.

O **6º Encontro Nacional de Poesia de Belo Horizonte** – **Bélo Poético** ocorre de 15 a 18 de julho. – www.belopoetico.com.

Denilson Rosa dos Reis publica no “Nosso Jornal” várias colunas sobre HQs, fanzines e História. – www.atrincheira.com.br. Ao lado, é republicada uma entrevista com Henry Jaepelt, que saiu na coluna ‘Realidade Alternativa’.

9ª ARTE – HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO VALE DO PARAÍBA

De 22 de março a 4 de abril de 2010, realizou-se na cidade de São José dos Campos o evento ‘9ª Arte – História em Quadrinhos no Vale do Paraíba’. O evento ocorreu no Vale Sul Shopping e constou de

exposição de vários artistas da região, uma Gibiteca itinerante além de workshops e sessões de caricatura. A organização do evento foi do ilustrador e publicitário Nill, criador dos personagens ‘Mazons’.

A exposição mostrou trabalhos de Adriano Batista, Bruno Galvão, Calberto, Carlos Mota, Cezar Razeq, Gabi Andrade, Jean Carlos Galvão, Magô Pool, Marclio, Maurício Rett, Mauro, Nill, Sosthenes, Zeco Rodrigues, Nobu Chinen, além de prestar homenagem a Flávio Colin. A Gibiteca itinerante foi organizada por Jorge Hata. Os workshops e sessões de caricatura ficaram a cargo de Zeco Rodrigues e Marclio.

O evento produziu um bonito catálogo com prefácio de Chinen, breve história das HQs no Brasil e biografias e amostras dos trabalhos dos expositores.



Entrevista: Henry Jaepelt

Henry Jaepelt, catarinense de Timbó e colaborador do fanzine Tchê é nosso primeiro entrevistado.

Quem é Henry Jaepelt?

Pessoa normal, com todos os defeitos e falta de grana de qualquer outra pessoa normal! Nada de mais! Como costumam dizer: “tirando o ruim...”.

Quando descobriu seu interesse pelo desenho e pelas HQs?

Desde que eu me lembre, sempre gostei de desenhar! Doença antiga! Tinha um tio-avô meu que era guardanoturno e lia gibis a noite toda e sempre me presentava com vários gibis etc e tal. Comecei a fazer umas HQs lá por 1980/81 – e publicar, lá por 1987!

Você sobrevive dos quadrinhos?

Diz a sabedoria popular que “quem trabalha, não tem tempo para ganhar dinheiro”! Mas, sempre tive trabalhos normais, e faço minhas HQs e ilustrações por gostar! Talvez por não visar lucros, por evitar estigmas (“mercenário”, “interessado”, etc.) e fazer o que curto justamente por curtir, pela vontade de fazer a diferença, as coisas sejam assim, sem modismos, etc.! É legal, pois nunca precisei copiar de gibis para impressionar com papos e poses...

Comente o mercado editorial no Brasil hoje.

Não cultivo ilusões de grandeza... Esse assunto é especialmente relativo! Para certos estilos, a coisa deve estar indo muito bem, a julgar pelo que se vê nas bancas! Mas, não sei se existem (boas ou não) perspectivas – tudo depende do que você quer fazer, e do que estaria disposto a fazer para conseguir! Afinal, tudo é possível! Ainda sou da opinião de que só aprende a fazer, fazendo! Falar, qualquer um fala, e daí? De qualquer maneira, há muita coisa acorrentada a modelitos, fórmulas, receitas rígidas... e uma certa (e infeliz) “aura” de imitação! Além da “pose”...

E sobre o universo dos fanzines, o que pode comentar?

Se eu não acreditasse nos zines, se não acreditasse que podem ser algo grande e forte, que podem fazer diferença, já teria desistido. Eu, e mais um monte de gente, né? Temos a obrigação de ser a alternativa,oras!

Como você insere o Tchê neste universo?

Talvez nem você mesmo perceba o peso do zine na cena, a importância desse trabalho! Você passou por quase tudo o que já rolou, fases, situações, facilidades (quando?), dificuldades (sempre ali ao lado) – o Tchê é parte da história de nosso fanzinato!

Como colaborar com o Tchê e conviver, embora à distância, com seu editor?

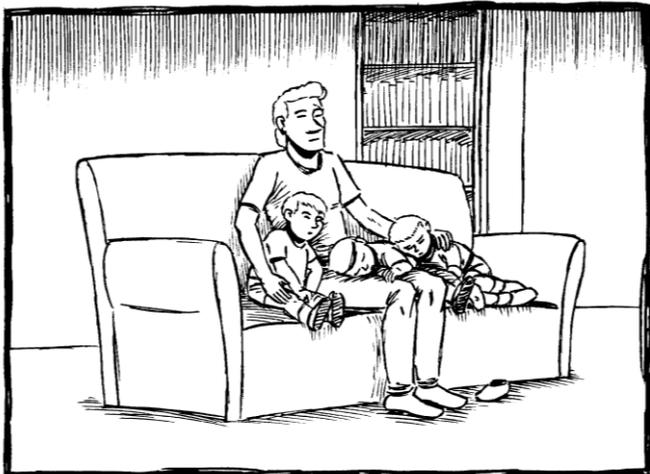
Estamos aí desde o primeiro número – e até antes dele – então, o zine é item obrigatório para qualquer autor underground! A convivência é de amizade, respeito e admiração, com certeza!

* Professor de História, músico e fanzineiro
Contatos: tchedonilsson@gmail.com
Ilustração: Henry Jaepelt (SC)

VOCÊ FAZ O QUÊ?
POR QUE VOCÊ FAZ ISSO?
ISSO DÁ DINHEIRO?
VOCÊ NÃO TEM CARA DE RICO.

PRODUÇÃO CULTURAL INDEPENDENTE.
NÃO ACHEI QUEM FIZESSE POR MIM.
MUITA GRANA!
A GRANA VAI DIRETO PARA A XEROX, O
CORREIO, AS PAPELARIAS, AS GRÁFICAS...





VOCÊ CERTAMENTE NOTOU DUAS COISAS QUE VOCÊ FALOU...



SUA IRMÃ FEZ UM TESTAMENTO DEIXANDO A GUARDA DOS FILHOS PARA VOCÊ!



POR QUE UMA PESSOA AINDA JOVEM FAZ UM TESTAMENTO?



ELA DESCONFIOU QUE CORRIA PERIGO DE VIDA? E QUIS GARANTIR QUE OS FILHOS NÃO FICASSEM COM O TIO?



E COMO SEU TIO SOUBE TÃO RÁPIDO DA MORTE DE SUA IRMÃ? E COM O PEDIDO DE GUARDA DOS MENINOS JÁ PRONTO?



ESTÁ BEM! VOU ENTRAR NO SEU JOGO! MAS VAMOS SEGUIR SUA PRÓPRIA SUGESTÃO: ANALISAR TUDO RACIONALMENTE!



VAMOS VER SE VOCÊ NÃO ESTÁ DEIXANDO SUAS RAZÕES PESSOAIS CONTAMINAREM SEU RACIOCÍNIO!



POR QUE MEU TIO
MATARIA MEUS PAIS?



FÁCIL! COBIÇA! É
MUITO RARA A FAMÍLIA
QUE NÃO BRIGA POR
CAUSA DE HERANÇA.



E O NÚMERO DE CASOS
QUE ACABA EM HOMICÍDIO
É SIGNIFICATIVO. IRMÃOS,
PAIS, FILHOS, CÔNJUGES,
NINGUÉM ESCAPA!



NO CASO DE SEU TIO, É
BEM CLARO, ELE NÃO SE
CONTENTOU EM ASSUMIR O
CONTROLE DA EMPRESA...



FEZ QUESTÃO DE TOMAR
TUDO QUE ERA DE SEUS
PAIS E FOI DEIXADO
PARA VOCÊ!



POR QUE MEU TIO
MATARIA MINHA IRMÃ?



PARA FICAR COM
A GUARDA DOS
SOBRINHOS...



MAS AÍ O MOTIVO
NÃO PODE SER COBIÇA.
QUANDO MINHA IRMÃ
SAIU DE CASA...



ELA ABRIU MÃO DE
TODOS OS DIREITOS
SOBRE OS BENS DE
NOSSOS PAIS...



CONFESSO QUE NÃO SEI
POR QUE SEU TIO FAZ
TANTA QUESTÃO DA
GUARDA DOS MENINOS...



MAS FOI DEPOIS QUE
VOCÊ ASSUMIU A GUARDA,
QUE SEU TIO MANDOU
MATA-LO...



MAS VOCÊ BASEIA SEU
RACIOCÍNIO NA SUPosição
DE QUE MEU TIO MANDOU
ME MATAR...



NÃO É SUPosição, ESTE
É O FATO QUE ESTÁ
NO PRINCÍPIO DE
MINHAS DEDUÇÕES...



VOCÊ SE LEMBRA DA
PRIMEIRA VEZ EM QUE
NOS ENCONTRAMOS?



CLARO QUE SIM! PARA
MINHA SORTE, VOCÊ
POR ACASO ESTAVA LÁ!



SORTE, PODE SER...
ACASO, NÃO... EU NÃO
ESTAVA LÁ POR ACASO.



EU ESTAVA
SEGUINDO VOCÊ!



VI QUANDO VOCÊ FOI
CERCADO POR AQUELES
SUJEITOS...



NO PRINCÍPIO, ACHEI QUE
FOSSAM SÓ ARRUAZEIROS...



MAS AÍ PERCEBI QUE
HAVIA MÉTODO NO ATAQUE.



OS GOLPES ERAM DADOS
COM PRECISÃO, EM
LOCAIS ESPECÍFICOS...



O OBJETIVO ERA CLARO.
CAUSAR HEMORRAGIA
INTERNA, PROVOCAR SUA...



MORTE COMO SE FOSSE
UMA FATALIDADE E NÃO
ALGO PREMEDITADO...



MAS NÃO ENTENDI POR QUE
SE DAR AO TRABALHO DE
DISSIMULAR SUA MORTE...



AÍ RECONHECI UM DOS
AGRESSORES... ERA UM
SUJEITO QUE FAZIA
TRABALHOS SUJOS PARA
O SEU TIO...



POR ALGUM MOTIVO, SEU
TIO CONSIDERAVA VOCÊ
UM INIMIGO A SER
ELIMINADO...



ENTÃO VOCÊ ERA
MEU ALIADO...

